

## SOBRE O MANTO TUPINAMBÁ EM MAIRI: IRRUPÇÕES DE MEMÓRIAS E PLURALIZAÇÃO DO CONTEMPORÂNEO

ABOUT THE TUPINAMBÁ MANTO IN MAIRI: IRRUPTIONS OF MEMORIES  
AND PLURALIZATION OF THE CONTEMPORARY

Camille Nascimento da Silva Pinto<sup>1</sup>

Universidade Federal do Pará

Ivânia dos Santos Neves<sup>2</sup>

Universidade Federal do Pará

**Resumo:** Neste artigo, vamos analisar o processo de apagamento da memória Tupinambá e de sua irrupção, no contemporâneo, na cidade de Belém, capital do estado do Pará. Tomamos como corpus de análise a construção histórica de sentidos do enunciado Mairi, terra de Maíra - denominação dos Tupinambá para a região que compreende o litoral da Amazônia, hoje localizado nos estados do Maranhão, Pará e Amapá. Em doze dicionários pesquisados, encontramos tanto traduções fundamentadas nos saberes Tupinambá como no discurso dos colonizadores, que forjam um sentido para Mairi, definindo-a como terra dos franceses. Em contraponto a este silenciamento, tomamos como materialidades os murais “Território Mairi” e “Manto Tupinambá”, feitos em 2023 e 2024 pelo artista visual And Santtos na Universidade Federal do Pará, visibilizam como a ancestralidade indígena resiste nesta região. Tomamos como referência teórica a definição de Dispositivo de Michel Foucault (2000), de Dispositivo Colonial (NEVES, 2009), que nos ajudam a compreender os processos de apagamentos dos saberes indígenas e de EtniCidades (NEVES, 2015), que investiga a pluralidade étnica das cidades pan-amazônicas.

**Palavras-chave:** Dispositivo Colonial; EtniCidades; Mairi; Manto Tupinambá.

**Abstract:** In this article we will deal with the silencing of Tupinambá memories silenced by the colonial device (NEVES, 2009), and their resistance in Contemporary Belém. When analyzing the translation of the statement Mairi - the name of the Tupinambá for the region that comprises the coast of the Amazon, today located in the states of Maranhão, Pará and Amapá - in twelve dictionaries, we found the colonizing translation that translates the statement with reference to

---

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA); mestra em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA); graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela UFPA. Pesquisadora do Grupo de Estudo Mediações, Discurso e Sociedades Amazônicas (GEDAI/CNPq), coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivânia dos Santos Neves. E-mail: camille.silva@ilc.ufpa.br

2 Professora da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do GEDAI/CNPq. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: ivanian@uol.com.br

the colonizer. Based on the works *Território Mairi* and *Manto Tupinambá*, made by And Santtos at the Federal University of Pará, we analyze how indigenous ancestry persists in this region. In addition to the theoretical support provided by the Colonial Device, we also use the concept of *EthniCities* (NEVES, 2015), which analyzes the ethnic plurality of Pan-Amazonian cities.

**Keywords:** Colonial Device; Ethnicities; Mairi; Tupinambá cloak.

**Submetido em 16 de setembro de 2024.**

**Aprovado em 6 de novembro de 2024.**

## **Introdução**

Em julho de 2024, durante a realização do 76ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Universidade Federal do Pará (UFPA), um dos espaços mais fotografados pelos participantes do evento foram os dois murais “Manto Tupinambá” e “Território Mairi” pintados pelo artista visual And Santtos, localizados na parte externa do prédio do Programa de Pós-Graduação em Letras. As dimensões dos murais, com cerca de 15 metros de altura impressionaram pelo seu valor estético e histórico. Quais memórias silenciadas eles evidenciam na contemporaneidade?

Na semana de realização da SBPC, mais precisamente no dia 07 de julho de 2024, em função de muita luta dos Tupinambá de São Paulo de Olivença da Bahia, responsáveis por uma série de manifestações reivindicando este retorno, foi devolvido ao Brasil, com salvaguarda do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Manto Tupinambá que estava no Museu Nacional da Dinamarca. Há outros 10 mantos feitos pelos Tupinambá nos séculos XVI e XVII que são de propriedade de museus europeus. Até este retorno, nenhum deles estava no Brasil.

Em meio aos desafios de um planeta agonizante, num país sufocado pela fumaça das queimadas de seus grandes biomas nos anos de 2023/2024, irrompem memórias Tupinambá, tão intensamente silenciadas pelo dispositivo colonial (NEVES, 2009). Um Manto feito com penas de Guará, uma ave de plumagem vermelha que já foi muito abundante em todo litoral brasileiro. Penas que atravessaram séculos nos museus de mármore dos colonizadores. Como essas penas, agora também nas tintas de And Santtos na UFPA podem remexer a ancestralidade indígena da cidade de Belém e reterritorializar os saberes Tupinambá no litoral da Amazônia?

Desde 2019, nosso grupo de pesquisa, GEDAI CNPq, começou a desenvolver pesquisas sobre Mairi, a denominação dos Tupinambá para a região que compreende o litoral da Amazônia, hoje localizado nos estados do Maranhão, Pará e Amapá. Neste artigo, vamos analisar a construção histórica de sentidos do enunciado Mairi e os dois murais pintados por And Santtos nas paredes do PPGL, significativas materialidades que visibilizam o que Michel Foucault (1999) definiu como saberes sujeitados, considerados inferiores e que por muito tempo permaneceram invisíveis. Para isso, tomamos como referencial teórico-metodológico os estudos do discurso foucaultianos e as discussões sobre decolonialidade.

## **2. Na escrita de Theveth: Terra de Maíra ou Terra de franceses**

Uma das principais estratégias de silenciamento das cosmovisões indígenas, os primeiros registros escritos feitos pelos europeus também significaram, em algumas situações, fontes preciosas para análise que possibilitasse conhecer como viviam os povos indígenas no século XVI. Embora houvesse uma determinação do Vaticano de silenciar os saberes desses povos, implicitamente, quando faziam críticas ou apontavam características de um povo selvagem, deixavam ver as práticas locais. Nessa perspectiva, uma das principais fontes para conhecermos como viviam os povos Tupinambá no século XVI são os livros de André Theveth. Ele não esteve na Amazônia, mas seus registros sobre os Tupinambá que viviam no Rio de Janeiro contribuem bastante para conhecermos, ainda que em fragmentos, a história dos Tupinambá.

Sustentamos que o enunciado Mairi se origina do Tupi antigo e se refere ao território onde viviam os filhos de Maíra, principal ancestral Tupinambá. O território que hoje conhecemos como Belém, era denominado de Mairy pelos Tupinambá. Esta afirmação esteve presente nas narrativas orais destes povos, registradas em relatos de vários viajantes, representantes da igreja, antropólogos e outros sujeitos que conviveram com as sociedades indígenas que habitavam o território que mais tarde seria denominado Brasil, pelo colonizador.

Para muitos povos indígenas de ancestralidade Tupi, o sagrado estava e está relacionado a Maíra, responsável pela criação de rios, floresta, homens, mulheres e todo o tipo de saberes. Contudo, diferente da cosmovisão cristã, que estabelece um único deus, entre os povos indígenas, não existe um único ancestral, mas um conjunto deles,

que não é o mesmo para todas as etnias e muda conforme duas variáveis bastante significativas: a geografia e a língua.

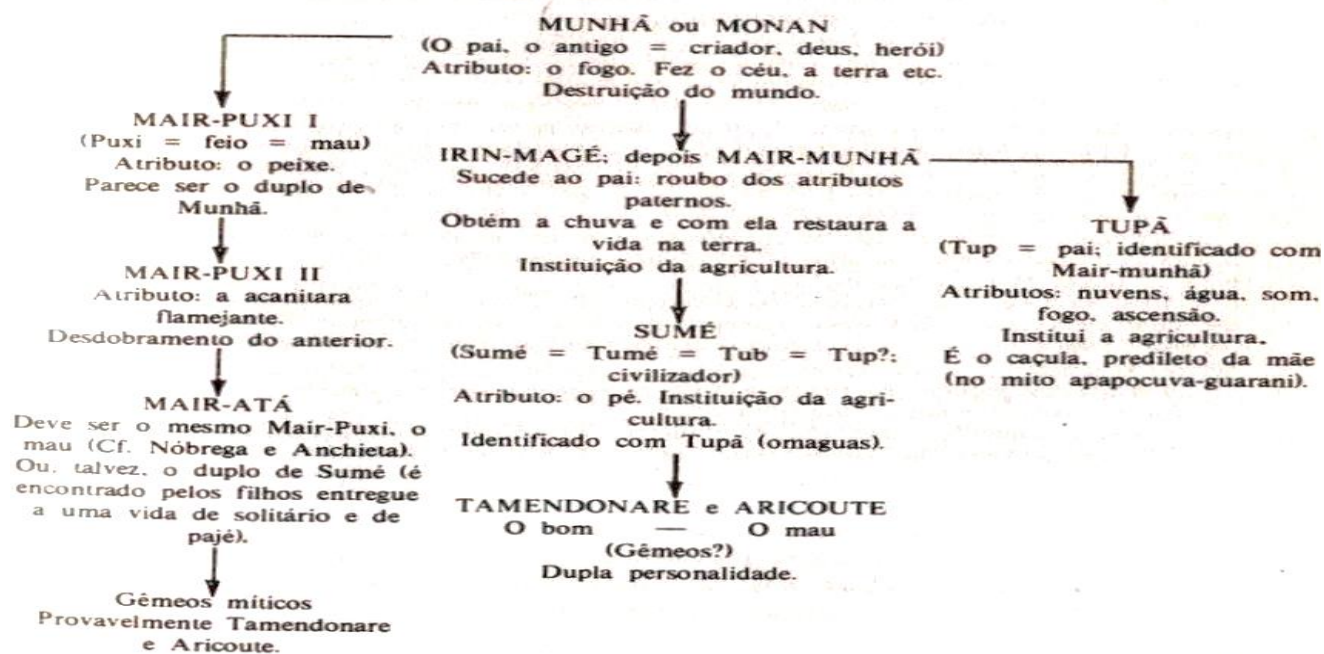
O primeiro registro escrito desta ancestralidade indígena Tupinambá decorre do olhar do frade franciscano francês André Thevet, cronista que publicou a sua impressão sobre o território brasileiro e os sujeitos e sujeitas indígenas com os quais conviveu entre 1555 e 1556. Sob a “ditadura da palavra escrita, ocidental, europeia e branca” (NEVES, 2009), assim, sob os moldes do Dispositivo Colonial, o relato de Thevet sobre a sua vivência no Brasil o tornaram uma das principais fontes sobre a cosmovisão dos Tupinambás.

Neves (2022), em artigo intitulado “Mairi: terra de Maíra - a ancestralidade indígena eclipsada em Belém”, analisa a ancestralidade indígena em Mairi, tomando como corpus de análise as práticas cotidianas das vendedoras de ervas da floresta na cidade de Belém, os relatos feitos por André Thevet, no século XVI e a narrativa oral dos Tembê-Tenetehara “Mayra-Íra e Mucura-Íra”.

Procurei, portanto, mostrar como existe uma rede de memórias rigorosamente administrada pelos dispositivos de poder dos colonizadores europeus, sobretudo os portugueses e franceses, que se dispôs a interferir, silenciar ou mesmo apagar os saberes dos Tupinambá. Mairi, palavra do Tupi antigo, por fazer referência a um lugar, pode ser considerada um topônimo e está presente no registro escrito de pelo menos duas línguas faladas no Brasil, o português e o Nheengatu. (NEVES, 2022, p. 05).

Com a sua escrita, Thevet leva ao mundo ocidentalizado muitos detalhes sobre as práticas culturais indígenas, a antropofagia, sobre a epidemia responsável pela morte de grande parte dos Tupinambás, sobre o território, fauna, flora e sobre a ancestralidade. Thevet descreveu o que seria o primeiro ancestral Tupinambá, o grande *Monan*, “que teria as mesmas atribuições que a Deus”. Assim, Thevet apresenta uma linhagem de “heróis civilizadores”.

Figura 1: Dinastia dos heróis criadores e civilizadores dos Tupinambás



Fonte: Métraux, 1979.

A figura acima resume todo o registro a respeito da ancestralidade indígena, registrada primeiramente pelo frade Theveth. Em “notas ao capítulo 1”, do livro “A religião dos tupinambás” de Métraux (1979), Estevão Pinto enumera as principais personagens da ancestralidade Tupinambá transcrita por Theveth: Monan; Irin-magé = Maire-Monan; Sommay – Sumé – filho de Mair-munhã; Maire-pochy e seus descendentes. A descendência de Monan começa por Irin-Magé, único sobrevivente de um incêndio na terra provocado por Monan, para se vingar da maldade dos homens. Após este incêndio, Irin-Magé vai morar com Monan, no céu. Com o passar do tempo, o filho querido começa a sentir a solidão, por isso o pai resolve mandar água para apagar o fogo da terra. O frade francês registrou a narrativa indígena para a origem do mar e também sobre a primeira mulher, com quem Monan daria continuidade à vida na Terra.

No decorrer da narrativa, o cronista aproxima a narrativa dos Tupinambá à narrativa católica, comparando *Monan*, por exemplo, ao Deus cristão: “*Monan*, ao qual atribuem as mesmas perfeições que atribuímos a Deus, dizendo-o sem começo nem fim, existindo desde toda a eternidade, criador do céu e da terra, das aves e animais que aí habitam”, ao mesmo que tempo que não confere ao ancestral tupinambá o mesmo “poder” ou “sabedoria” do Deus cristão, pois Monan “não criou o mar, nem aman

attouppane, que são as nuvens de vapor d'água da sua língua". A possível explicação para esta semelhança que Theveth tenta impor, é que na cosmovisão das sociedades indígenas não havia uma ideologia religiosa homogênea. Em vez de ter como referência uma única figura ancestral, era possível identificar em suas narrativas “espíritos da selva e almas de outro mundo”, a quem se atribuía o poder da má sorte, das doenças, das derrotas em guerras, etc. Wagley (1977) traz como exemplo Yurupara, que foi comparado pelos cristãos como o diabo, e o Curupira, protetor dos animais e terror dos caçadores.

Essas crenças religiosas nativas entravam inevitavelmente em conflito com a ideologia cristã que fornecia outras explicações para a origem das coisas. Os missionários decidiram-se a combater as crenças pagãs, ensinando às populações os conceitos ortodoxos do catolicismo. Os nomes dos heróis da cultura indígena desapareceram, sendo substituído pelos de Deus, do diabo e dos santos. (WAGLEY, 1977, p. 222)

A criação do mundo, o Éden, Adão e Eva, o Dilúvio, a existência de um ser demoníaco, todas estas narrativas cristãs ocidentais estão na referência de Theveth quando ele registra as narrativas indígenas. Muitas destas referências cristãs ocidentais não faziam parte da cosmovisão indígena, a exemplo da imortalidade. Em nota de rodapé, o cronista registra como sinônimo de Maire ou Maira, a expressão “herói civilizador”, porém, com o poder da palavra e da escrita ocidentais que tinha, posteriormente Theveth inclui os próprios franceses na narrativa indígena.

Essa palavra Maire foi usurpada até o tempo do dilúvio, que eles dizem ter sido universal, para aqueles que eram raros em obras; de maneira que, vendo agora que sabemos mais que eles, e que nossas lições lhes parecem admiráveis, dizem que somos os sucessores e verdadeiros descendentes de *Maire-monan*, que sua verdadeira raça se instalou em nossas terras, e que eles estão privados dela por causa do dilúvio e por terem sido maus para com o segundo *Maire-monan*, contra o qual de tal forma se indignou o povo por transformá-los em diversas formas de animais. (THEVET, 1575/2009, p. 52).

Assim, compreendemos a importância do registro escrito de uma narrativa indígena que nos possibilitou este conhecimento. Theveth apresentou na forma escrita a ancestralidade indígena, pois foi ele quem registrou ainda no século XVI a narrativa oral dos Tupinambá que torna explícita a ancestralidade do “mundo novo”. Porém, é o mesmo autor o responsável pelo processo de silenciamento do enunciado Maire, ao afirmar que o significado vem do francês. Estes acontecimentos mostram o funcionamento do Dispositivo Colonial, que nos ajuda a evidenciar as práticas

discursivas impostas pelo sistema colonial e as relações de subalternização impostas aos povos indígenas, que continuaram se atualizando e chegaram potentes aos nossos dias. Fundamentadas no conceito de Dispositivo proposto por Michel Foucault e nas discussões latino-americanas sobre decolonialidade do poder, NEVES (2020) afirma que com todas as suas estratégias de poder, o dispositivo colonial foi responsável por eleger a narrativa colonial como única, assim também como elegeu os seus enunciadores autorizados.

O Dispositivo Colonial, no entanto, como já referido, não estava interessado apenas na morte do corpo, as tecnologias de saber e poder agiam também no sentido de matar a memória. E é a partir dessa narrativa de Thevet que “Mair” passa a supostamente significar francês, em Tupi antigo, e Mairi deixa de ser o território Tupinambá, terra dos filhos de Maíra e passa a significar lugar dos franceses. Em todos os dicionários e glossários consultados, os Tupinambás ficam de fora de Mairi. (NEVES, 2022, p.197).

O conceito de Dispositivo Colonial se apoia no Dispositivo, proposto por Michel Foucault, que analisa o sujeito constituído de forma heterogênea, no tempo e no espaço, “engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo”. (FOUCAULT, 2006, p.244).

Desde a publicação de Thevet (1557), os enunciados Maire, Mairi, Mairi-Monan, Maíra e todos os outros referentes à ancestralidade indígena tupi vem sendo silenciados. Se em alguns verbetes ou dicionários, os autores fazem a designação, mesmo que incorreta dos enunciados, em outros, sequer existe o registro de tais enunciados. Outros enunciados indígenas também são silenciados nesta tradução que seguiu o molde do sistema colonizador, cristão e europeu. “Caráibe” ou caraíba ou karaibe foi traduzido como “estrangeiro” ou “branco”, sendo que o próprio Thevet registra como “um profeta dos indígenas”. Assim também como “Sumé”, pertencente à mesma narrativa registrada por Thevet, nos dicionários posteriores foi traduzido e comparado a São Tomé, por ter sido um santo que esteve em território Mairi.

Neste tópico analisamos, em dicionários e livros, a tradução ou silenciamento dada a Mairi. Para este estudo, o enunciado Mairi foi pesquisado em doze dicionários e vocabulários de língua portuguesa-indígena/ indígena-portuguesa, em acervos físicos, como o da Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará e da Biblioteca do

IFCH/UFPA, assim também como em acervos digitalizados, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.

Foram inseridos na pesquisa autores que conviveram com sujeitas e sujeitos indígenas e que também coletaram de forma oral a narrativa do grande ancestral Monan. No caso dos dicionários e verbetes, foi investigada a presença não apenas do enunciado “Mairi” e suas diversas grafias (Maire, Mairy, Maery), como também “Maíra”, “Irin - Magé”, “Maire”, “Mair”, “Maire-Monan”, pois são os enunciados registrados no relato de Theveth (1557). Muitas destas traduções foram feitas por religiosos que estavam à serviço da colonização, suas traduções foram orientadas pelo seu olhar ocidental-colonizador.

O quadro abaixo apresenta os resultados da pesquisa, mostrando como cada dicionário apresenta a tradução do enunciado “Mairi”, se tem ou não a referência à ancestralidade indígena Tupinambá e ainda, enunciados indígenas que faziam referência aos “franceses”, “ingleses”, “estrangeiros”, “louros”, “brancos”, dados significativos encontrados. Como associar Mairi a franceses, quando existem outras palavras indígenas que designam francês ou estrangeiro nos próprios dicionários?

Quadro 1: Mairi nos dicionários

Dicionário/ Autor	Língua	Referência a Mairi	Enunciados indígenas referentes a francês, estrangeiro, inglês.
1.Dicionário da Língua Tupy - Gonçalves Dias (1858)	Tupi	Colonizador	-
2.O selvagem (1876) - Couto de Magalhães	Tupi	Colonizador	amú-tetâma-úara
3.O Tupi na geografia Nacional (1901) - Teodoro Sampaio	Tupi	Índigena	Ajurujuba
4.Vocabulários da língua geral português-nheêngatú e nheêngatú-portuguez (1929) – Ermano Stradelli	Nheengatu	Índigena	“Francez”: Tapiya-tinga – Tapuio branco; “Estrangeiro”: amu-tetamáura, Suáiauára, Nheengaayua (nhengahiba), Asuiuára
5.Pequeno Vocabulário Tupi-Português - Pe. A. Lemos Barbosa (1955)	Tupi antigo	Colonizador	Ajurujuba
6.Dicionário de Tupi Moderno: dialeto Tembê-Ténêthar do alto do rio Gurupi - Max Henri Boudin (1978)	Tupi	Índigena	Karai; Mo-iwar.
7.Dicionário Tupi-português e vice-versa - Oberdan Masucci (1979)	Tupi	Colonizador	Aiuruiuba Caraíba



			Maíra
8. Dicionário: Tupi Português - Com Esboço de Gramática de Tupi Antigo - Tibiriçá (1984)	Tupi antigo	Indígena e colonizador	-
9. Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi - Tibiriçá (1985)	Tupi	Colonizador	-
10. Vocabulário Tupi Guarani Português - Silveira Bueno (1987)	Tupi Guarani Português	Indígena	Abayu Abayuba
11. Dicionário Tupi (Antigo)-Português - Moacyr Ribeiro de Carvalho (1987)	Tupi	Colonizador	Karaiba Amõ-y-pira e “Mamo-i-guara?”
12. Dicionário da Língua Assuriní do Tocantins - Cabral & Rodrigues (2003)	Assuriní do Tocantins	Indígena	-

Fonte: Camille Nascimento (2024)

No “Dicionário da Língua Tupy” (1858), o mais antigo consultado, Gonçalves Dias reproduz a tradução para Mairy como cidade, sem fazer referência à ancestralidade Tupinambá e não apresenta nenhuma outra palavra indígena para se referir a estrangeiro. Porém, o autor traz a tradução do enunciado “Mari” como “fructa da Parahiba. Nome **indígena** de Olinda” (DIAS, 1858, p. 93).

Em “O Selvagem” (1876), o general Couto de Magalhães retrata o panorama indígena da época com uma coletânea de lendas e um curso da Língua Geral Tupi. Apesar de seu caráter colonizador, quando reforça a superioridade do conquistador em relação ao indígena, esta obra é significativa para a minha pesquisa por transcrever a narrativa escrita por Theveth, sobre a ancestralidade tupi, no tópico “Das ideias religiosas dos Tupis”. Ainda que o autor tenha como referência o frade francês, ele também publica a expressão indígena para se referir ao francês. Para o vocábulo “estrangeiro”, ele traz a expressão indígena “amú-tetãma-úara”.

O enunciado Mairi, com tradução referente à ancestralidade tupinambá, teve recorrência nas obras do engenheiro, geógrafo, historiador e tupinólogo Teodoro Sampaio (1855 – 1937), na sua obra “O tupi na geografia nacional”, a qual teve em sua quinta edição a extensa revisão e acréscimo de notas do também tupinólogo Frederico Edelweiss (1892-1976). Estes dois autores são referências para outros pesquisadores antropólogos brasileiros que traduziram em seus dicionários o enunciado Mairi, com

referência à ancestralidade indígena e não ao francês. Ainda que Sampaio (1987) tenha dado inicialmente a tradução vinda do colonizador:

**MAIR** Apelido dos franceses entre os Tupis do Brasil. Os Guaranis do Paraguai chamavam os espanhóis - mbaí. Os dois vocábulos Mair e Mbaí são formas contratas de **mbae-ira**, que exprime o apartado, o solitário, o que vive distante. De mbae-ira procedem: **mbaíra**, **maíra**, **mair**, **mbaí**. Este apelido davam os índios aos franceses e espanhóis, não só por virem de longe, como porque os equiparavam, pela sua superioridade, aos seus feiticeiros, chamados pagés ou carahybas, os quais levavam vida solitária no recesso das matas, nas cavernas das montanhas distantes. O pagé era, portanto, um solitário (maír, mbaí). De resto, o vocábulo pagé procede do mesmo radical, pois é contração de mbaí, isto é, o solitário de diversa natureza, o solitário sobrenatural. Do nome mbaíé decorrem duas formas: maié, que deu majé, ou magé, e baié que deu bajé ou bagé, donde procede pagé. Do mesmo tema - mbaí - ainda procede baí ou bay, que deu - pay ou pahy, como também se chamava, entre os índios de outras tribos, o feiticeiro ou curandeiro.

**MAIRAPÉ Mair-apé**, o caminho dos franceses, e também o caminho do feiticeiro. V. Maír. Bahia.

**MAIRY** Nome dado pelos Tupis às cidades e povoações dos franceses (**Maír**) depois da conquista. A cidade de Olinda era, antigamente, **Maíry**, nome este que é a forma contrata de **mair-reya** e significa reunião de **mair**, ajuntamento de europeus, franceses principalmente. (SAMPAIO, 1987, p.275-76)

Davam à cidade, aos povoados grandes, como os europeus edificavam, o nome mairy, decerto, depois que os franceses, Mair, começaram a freqüentar a costa do Brasil e se estabeleceram em algumas partes dela, pois que o vocábulo mairy parece proceder de mair-reya, reunião ou multidão de franceses. O nome Marim, outrora aplicado a Olinda de Pernambuco, fundada por Duarte Coelho. (SAMPAIO, 1987, p.154)

Em duas notas de rodapé, Edelweiss fez a seguinte correção a Sampaio:

No capítulo das posposições o autor cinge-se aos gramáticos antigos e, não fossem alguns exemplos incorretos que o depreciam, seria um dos melhores do *Resumo*. **A iko oka pe** pode ser nheengatu; tupi é que nunca foi. **Maíry** é o termo brasileiro e nheengatu para cidade. (Edelweiss in SAMPAIO, 1987, Nota 103, p. 112)

Está enganado o autor. No brasileiro e nheengatu davam a cidade de Belém do Pará o nome de Mairy. Depois, Mairy se generalizou, significando cidade. No tupi, cidade é tab-uçu ou tab-eté. O habitante de mairy, o cidadão, em nheengatu não se chama mairyara e sim mairyguara e mais recentemente mairyuara. (Edelweiss in SAMPAIO, 1987, Nota 200, p. 154).

Edelweiss foi um grande estudioso das línguas indígenas, nascido em Santo Ângelo, antiga localidade jesuítica de índios guaranis, no estado do Rio Grande do Sul. Este intelectual se ocupou dos estudos das línguas, e deixou um legado de livros,

pesquisas e trocas de cartas com padres, pesquisadores, onde muitas vezes corrigia as traduções equívocas das diferentes línguas indígenas. Em muitas de suas notas na obra de Sampaio ou em correspondências ele critica como os autores se adaptaram às traduções deturpadas impostas pela colonização e fixadas pelos dicionários jesuíticos.

Em Sampaio também houve a ocorrência do termo indígena “ajurujuba” para designar francês ou alemão. “Segundo os viajantes antigos apelidavam os índios aos franceses e alemães ajurujuba, por trazerem barba ruiva: a-juru-yuba, gente de pescoço ou mento ruivo.” (SAMPAIO, p.192). Outros vocábulos também foram traduzidos para designar o estrangeiro: çobayguara; guaú; marabá. Sendo este último vocábulo traduzido sob o olhar colonizador, já que faz referência a “Mair” como francês. “**MARABÁ** - Mair-abé, raça de francês (mair), gente que é procedente do estrangeiro. Era como se denominava, entre os índios, o filho do prisioneiro ou estrangeiro.” (SAMPAIO, p.279).

O conde naturalista Ermano Stradelli (1852- 1926) etnógrafo ítalo-brasileiro, viveu no Amazonas por mais de quarenta anos, recolhendo relatos de narrativas dos povos indígenas, em especial entre os Uanana traduziu na página 510 do seu “Vocabulários da língua geral português-nheêngatú e nheêngatú-portuguez” o enunciado Mairi como “Cidade – já se disse por antonomásia de Belém do Pará”. Esta publicação de Stradelli se faz muito importante para a nossa análise, pois nela encontramos o significado dos vocábulos “estrangeiro”, na página 204, traduzido como “amutetamáura, Suáiauára, Nheengaayua (nhengahiba), Asuiuára” e do vocábulo “francez”, na página 215, para “como os chamavam na costa do Maranhão – Tapiya-tinga – Tapuio branco”. Estas traduções nos confirmam a forma deturpada que o enunciado “Mairi” foi traduzido, desde Theveth, como “o lugar do francês”. Stradelli traduziu vocábulos indígenas que faziam referência ao francês ou ao estrangeiro.

No “Pequeno Vocabulário Tupi-Português”, Lemos Barbosa (1955) apresenta a tradução do “tupi antigo”, língua falada e documentada na costa, desde São Vicente até o Maranhão, entre 1550 e 1750 e enfatiza as diferenças entre “guarani antigo ou moderno dos países platinos e do Brasil meridional, nem tampouco ao tupi amazônico ou nheengatu”. Ele chama o tronco linguístico Tupi de dialeto e reforça que havia diferenças regionais, sobretudo na fonologia. “Os ‘tupis’ de São Vicente, de modo particular, distanciavam-se um tanto dos tupinambás, temiminós, tupiniquins,

potiguaras, etc., colocando-se num meio termo linguístico (e geográfico) entre essas tribos e os guaranis ou carijós.” (BARBOSA, 1955, p.09). Esta explicação é relevante nesta pesquisa, porque a tradução varia conforme a língua, e a localidade das etnias.

Neste dicionário temos o enunciado “Maíra” com o seguinte significado: “herói mítico, branco, estrangeiro; francês; estrangeiro louro”. Não há menção a Mairi, Mairi-Monan ou Irin-Magé. Porém, aparece o enunciado “ajurujuba” (BARBOSA, 1955, p.25) para designar “francês; inglês; em geral: povos de cabelos claros”. Observamos não apenas o apagamento da ancestralidade indígena no enunciado Maíra, ao designar para ele outro significado que não seja o grande ancestral Tupinambá, mas além desta tradução colonizadora, encontramos também o enunciado indígena que se referia ao estrangeiro.

No “Dicionário Tupi Moderno Tembê Tenentehara”, Boudin difere de todos os outros tradutores do enunciado Mair que analisei até aqui. A referência da tradução é o registro do alemão Carl Friedrich Philipp von Martius, renomado naturalista do século XIX, lecionou botânica na Universidade de Berlim e foi diretor do jardim botânico de Munique. Veio ao Brasil como um dos integrantes da Missão Austríaca, que acompanhou a imperatriz Leopoldina na ocasião de seu casamento com D.Pedro I. Martius permaneceu no país entre 1817 e 1820. Tendo como companheiro de viagem o zoólogo Johann Baptist von Spix, realizou expedições pelas regiões Norte, Nordeste e Sudeste, onde colheu e catalogou uma vasta quantidade de espécimes vegetais.

Figura 2: Tradução de Martius

**Mair**, herói mítico dos Tupi-Guarani,  
(guar.; **mair** = Espanhol): **mair(i)**-  
**-haw** = a potência: **Tupan-mair(i)**-  
**-haw** = a potência de Deus: **mairi**  
(von Martius p. 61 — **mairy** = cidade,  
Stadt) = Pará, estado: **mair(i)**  
**twa'u** = esp. de velho mítico.

Fonte: Boundin, 1978, p.126

Neste mesmo dicionário as expressões indígenas que designavam o estrangeiro são: “**Karai (w): Karayu**; cara.ib = astuto, mañoso, Español, Christiano), Branco (eticamente falando): **kari-eté** = brasileiro: karai-pihun = negro, preto: **karai-**

**piriwitun** = mulato: **karai-ran** = branco não brasileiro, estrangeiro” (Boudin, 1978, p.98); “**Mo-iwar – mani-iguar** estrangeiro, forasteiro, morador de outro rio” (Boudin, 1978, p.143).

No “Dicionário Tupi-português e vice-versa”, Masucci (1976) reproduz as traduções colonizadoras, designando a Mairi “o nome que os indígenas tupis davam às cidades ocupadas pelos franceses no litoral” (Masucci, 1976, p.139). Este autor traduz o vocábulo indígena “**aiuruiuba**” como “francês, inglês”; “**caraiíba**”, como “homem branco, estrangeiro; cristão, santo, bento” (Masucci, 1976, p.20); “**Maira**”, como “homem branco, estrangeiro” (Masucci, 1976, p.33). A tradução religiosa se sobrepôs, silenciando a ancestralidade indígena, já que Caraiíba e Maíra são ancestrais presentes nas narrativas orais Tupinambás.

No “Dicionário Tupi Português - Com Esboço de Gramática de Tupi Antigo”, Tibiriçá (1984) inclui em sua tradução o ancestral Maíra como “**herói mítico dos Tupi-Guarani**”. Ainda assim, o autor também designa para o mesmo enunciado Maíra, “o apelido que os Tupinambás deram aos franceses e, os Guarani, aos espanhóis”. Para Maíra-Monã, o autor designa somente Maíra e considera como neologismo o enunciado Mairy, traduzindo-o como “reduto de franceses ou europeus louros; cidade (Frei Onofre)”.

Um ano depois a obra não é mais específica do tupi antigo. No Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, Tibiriçá (1985), apresenta o significado de Mairi como “cidade da Bahia” e sua origem vindo de “mairy” – reduto de franceses. O autor incluiu em seu dicionário dois outros enunciados próximos de Mairi: “mair-apé” – caminho dos franceses e “mairy-porã” – cidade bonita. Ainda no glossário há a referência ao enunciado “Maira”, também como concentração de franceses. Neste mesmo dicionário não há nenhuma referência a Monan ou Irin-Magé. Neste caso, o processo de apagamento se torna mais evidente porque em sua tradução, o autor atribui aos indígenas a autoria da tradução, dando não apenas a Mairi o significado de “cidade”, mas ao ancestral “Maíra”, como concentração de franceses.

**MAIRI, MAIRY** – termo que aparece em vários topônimos, designando cidade; nesta acepção, entrou para os vocabulários tupis a partir do século XVII; **esta palavra foi empregada pelos Tupinambá para designar reunião ou concentração de franceses (maíra)** e mais tarde passou a significar aldeia de brancos civilizados, cidade; Mairi, nome de uma cidade baiana; Mairi-porã (cidade bonita), no

Estado de S. Paulo; Mairi-potaba (cidade dadivosa), no Estado de Goiás. (TIBIRIÇÁ, 1985, p.177).

No “Dicionário Tupi-Guarani-Português”, de Bueno (1987), a tradução dos vocábulos *Mair*, *Mairapé*, *Mairí*, *Mairiporã* e *Mairiyara* são feitas a partir dos autores Lemos Barbosa e Teodoro Sampaio:

*Mair* – nome que os indígenas davam aos franceses. Lemos Barbosa da a forma mairas herói mítico; branco; estrangeiro; francês; estrangeiro louro. *Mairapé* – o caminho dos franceses, dos estrangeiros. Mairiporã – De Mairy; cidade; porã – bonita; Nome atual da antiga Juqueri. (BUENO, 1987, p. 191).

Para o enunciado *Mairí*, Bueno (1985), traz a mesma tradução que T. Sampaio, a qual também consta na obra de Nunes Pereira, como veremos a seguir, mas na mesma tradução o autor acrescenta a correção de Edelweiss. “*Mairí* – Fred. Edelweiss acrescenta: ‘No brasileiro e no nhengatu davam à cidade de Belém do Pará o nome de *Mairy*. Depois *Mairy* se generalizou, significando cidade.’” (BUENO, 1985, p. 191). O enunciado *Mairiyara* é traduzido também com a fonte de Frederico Edelweiss como “o habitante da cidade, cidadão. Edelweiss acrescenta: ‘o habitante de *Mairy*, o cidadão, em nheengatu não se chama *mairiyara* e sim *mairyguara*” (BUENO, 1985, p. 191).

Assim como no dicionário de Stradelli e Sampaio, em Bueno também existe os termos usados pelos indígenas para se referirem ao estrangeiro. “*Abayu* – De abá, homem; yu, louro, avermelhado, estrangeiro, europeu. *Abayuba* – cabelo ruivo, louro. Estrangeiro, francês.” Outros termos indígenas que designam “francês” ou “estrangeiro” são: mamoyguara; mamoiiguara; marabá (De mair-abá – descendente do francês. T Sampaio afirma que “era como se denominava entre os índios, o filho do prisioneiro ou estrangeiro”) (BUENO, 1985, p. 194); Mbié; Obatinga; Tobaguara; Tumé.

Em Carvalho (1987), no “Dicionário Tupi-Antigo-Português” encontrei traduções para os enunciados **Maira**, **Maia-Atá**, **Maira Çumé**, **Maira Monan**. E para se referir ao estrangeiro, os vocábulos indígenas **Karaiba**, **Amõ-y-pira** e “**Mamo-i-guara?**”. Entretanto, mesmo com a existência destes enunciados, suas traduções silenciam a memória indígena, quando dão uma primeira tradução colonizadora, e quando trazem a ancestralidade indígena, a colocam no âmbito da mitologia, sem explicação ou referência às narrativas dos Tupinambá sobre a sua ancestralidade.

**MAIRA.** Substantivo: branco, estrangeiro, francês, inglês (pessoas). *Mitologia:* uma entidade da mitologia tupi. Trata-se de um etnônimo de origem remota indecifrável. No tupi primitivo tem significado de seres mais ou menos sobrenaturais, seguido ou não de epítetos individualizadores.

**MAIRA- ATÃ.** *Mitologia* (espírito de fogo): nome de um espírito da mata.

**MAIRA-ÇUMÉ:** *Mitologia:* nome de um espírito da lenda tupi. Também diziam Çumé, que muitos atribuíram a São Tomé, apóstolo de Cristo, que teria visitado o Brasil.

**Maira-Monã:** *Mitologia:* nome de um espírito. (CARVALHO, 1987, p. 159-160).

Carvalho (1987) assim como outros tradutores, também identificou vocábulos indígenas que se referiam ao estrangeiro, como “**Amõ-y-pira**” – estrangeiro e “**Mamo-i-guara?**” – “morador de onde?” – pergunta feita ao estrangeiro. Mas o vocabulário “**karaiba**” chama a atenção nesta pesquisa por ser mais uma tradução deturpada, colonizadora e silenciadora da memória, pois “Caraíbe” ou “pagé”, eram as denominações indígenas para os seus profetas.

**Karaiba:** homem branco, estrangeiro, europeu, francês, inglês, português (gente). No tupi primitivo significava ser ou seres mais ou menos sobrenaturais. Comparando aos estrangeiros, "karaiba" é nome respeitoso, ao contrário de aiuru-aiuba ou papagaio amarelo ou dourado (que fala e é loiro. Adjetivo: feiticeiro. Batizado, bento, cristão, divino, sagrado. Em tupinambá é karaibe. (CARVALHO, 1987, p. 145).

No “Dicionário da Língua Assuriní do Tocantins”, Cabral & Rodrigues (2003), designam o enunciado “Mahit” como “entidade mítica” e exemplificam: “Mahira é nosso pai”. Porém Mairi, Mayri ou Irin-Magé não aparecem neste dicionário.

Nesta análise nos dicionários e verbetes de língua portuguesa-para as línguas do tronco tupi, o enunciado Mairi e outros que estão presentes na narrativa indígena tupi sobre o grande ancestral, registrada por Theveth, como “Maíra”, “Irin -Magé”, “Maire”, “Mair”, “Maire-Monan”, e outras formas semelhantes, a exemplo de Maery, foram submetidos, em sua maioria, à tradução colonizadora, que silenciou a ancestralidade e designou como sinônimo destes termos: “herói mítico, branco, estrangeiro; francês; estrangeiro louro”; “cidade”; “concentração de franceses”; “o caminho do francês”.

Nestes dicionários aqui analisados, mesmo quando há referência à memória indígena, ela fica no âmbito da mitologia, como se aquela tradução não fosse a principal. O enunciado Mairi, com tradução referente à ancestralidade tupinambá, teve recorrência nas obras do engenheiro, tupinólogo e baiano Teodoro Sampaio (1855 –

1937), do tupinólogo e também baiano Frederico Edelweiss (1892), a partir deles, outros pesquisadores antropólogos brasileiros também publicaram sobre Mairi indígena, com referência à ancestralidade e não ao francês. Os registros do alemão Carl Friedrich Philipp von Martius também trazem Mairi indígena.

Estas primeiras traduções analisadas trazem a ancestralidade indígena silenciada. O legado da colonização foi tão forte, neste ponto enfatizo o poder da igreja como instrumento da colonização. Pois, foi esta instituição que se encarregou de apagar esta memória. Todas estas traduções se ocupam de silenciar, de apagar a memória indígena, denomino como “tradução colonizadora”. Porém, analisando este silenciamento de Mairi sob a perspectiva foucaultiana e decolonial, podemos observar que após mais de quatro séculos do silenciamento do enunciado Mairi, ele “ressurge” na Belém contemporânea. Quais procedimentos, discursivos ou não controlaram o apagamento, o silenciamento, e a retomada do enunciado Mairi? Como vivenciamos Mairi nos dias de hoje? Seja nos corpos, nas práticas culturais, nos rios, nas redes sociais e na arte, o território Mairi segue pulsando a ancestralidade indígena.

### **3. Cores, passado, presente e futuro: Mairi Contemporânea na arte de And Santtos**

*“Antes eu pintava um caranguejo. Hoje eu pinto o caranguejo e sinto a minha ancestralidade”.*

*And Santtos*

*“Quando o And Santtos pinta o Território Mairi, nos mostra que essa ancestralidade não morreu, ela convive, ela está no nosso corpo, no nosso rosto de indígena. Cada vez mais Mairi está dentro dessa Belém contemporânea pluralizando quem somos nós nessa cidade”.*

*Ivânia Neves*

O prédio que abriga o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA), também se configura agora em um espaço onde pulsa a ancestralidade indígena. Os murais externos Manto Tupinambá e Território Mairi, a Sala Verônica Tembé, no térreo, e o mural Jacei Tatá Tupinambá (Céu Tupinambá), no primeiro andar do PPGL, foram pintados, ao longo do primeiro semestre de 2024, pelo artista paraense And Santtos. Neste artigo, vamos analisar o Manto Tupinambá e o Território Mairi.

O artista visual And Santtos é autodidata, nascido no município de São Caetano de Odivelas, no Pará. Teve sua infância à beira do Mojuim, rio que banha sua cidade natal, onde passou maior parte de sua adolescência produzindo, abrindo letras em



canoas e barcos. Mas iniciou seu interesse pela arte, quando começou a usar as trinchas, sprays, tintas e pincéis, em telas, painéis, fachadas de comércios, barcos de pesca, cenários e muros urbanos, identificando suas próprias técnicas e linguagem.

O estilo poético e colorido de seus painéis e telas que retratam de maneira original o imaginário popular, o levou a criar o Odivelismo, trabalho de pesquisa, onde lança um olhar sobre os sujeitos e sujeitas amazônicos, a partir da ancestralidade indígena. Dentro da produção artística, o Odivelismo apresenta a linguagem totalmente livre de pensamentos e espontâneo, com uma rica composição de cores e elementos regionais. A inspiração está associada às raízes e ao cotidiano do artista que faz referência ao “Boi de máscaras”, tradicional manifestação cultural da cidade de São Caetano de Odivelas, cidade litorânea, tendo a sua economia voltada à pesca e a extração de caranguejo. Dentre toda a produção e pesquisas, nota-se a universalidade do olhar crítico e poético entre os elementos usados, remetendo-se a vida das sujeitas e sujeitos que vivem nessa região.

### 3.1. Sobre o mural Território Mairi

Para analisar a arte de Santos, recorremos ao conceito de EtniCidades (NEVES 2015), que compreende a pluralidade étnica nas cidades, especialmente nas cidades Pan-Amazônicas. É impossível que uma cidade desta região tenha uma memória somente do colonizador, a memória e ancestralidade dos povos originários pode ser identificada em nosso cotidiano, nas nossas práticas culturais, corpos e na arte.

Figura 3: Produção do Manto Tupinambá e Território Mairi



Foto: Órbita Produtora

À direita observamos o mural Território Mairi, composto por elementos que traduzem o passado e o presente; a natureza e as intervenções colonizadoras: a Catedral Metropolitana de Belém (também conhecida como Igreja da Sé) ao fundo, traduz um dos elementos mais fortes utilizados pela colonização, a fé cristã, a catequização dos sujeitos e sujeitas indígenas ao catolicismo europeu; o prédio traduz as construções colonizadoras que determinaram a estadia do colonizador em território Mairi, a maioria destas construções aterrou os rios de Mairi; os guarás são aves muito significativas no que diz respeito ao nosso passado ancestral, pois era neste território que concentrava o maior ninhal de guarás e das penas destes pássaros, eram produzidos os Mantos Tupinambás. O que ressaltamos no mural Território Mairi é a presença dos sujeitos indígenas. Eram estes sujeitos que aqui já existiam quando o colonizador chega, com sua ancestralidade, seus corpos, suas práticas culturais e saberes. O mural Território Mairi nos faz refletir sobre a vida, a presença, a memória do passado e a memória futura que os povos originários ainda mantém, pois eles seguem existindo, resistindo em território Mairi. Essa resistência está em nossos corpos, em nossos hábitos alimentares, em nossas práticas culturais, nas nossas relações familiares. Mairi atravessa o tempo.

### 3.2. Sobre o Manto Tupinambá

*Penas de Guará /O manto Tupinambá  
Templo de Maira  
Mair; Mairi-monan  
(Allan Carvalho)*

Os frequentadores da UFPA se encantam com alguns aspectos da universidade: é a maior do norte do país; dois rios, O Tucunduba e o Guamá, se cruzam dentro do campus Belém; fica enfeitada na florada dos ipês. Agora, além de tantas beleza, este espaço conta com o Manto Tupinambá, medindo cerca de 15 metros de altura, junto ao mural Território Mairi.

O Manto Tupinambá, conhecido também como Assojaba Tupinambá, uma vestimenta sagrada, utilizada em rituais e composta por penas de aves nativas como o Guará. As poucas unidades que ainda existem de mantos feitos pelos Tupinambá nos séculos XVI e XVII são de propriedade de museus europeus. Porém em julho de 2024,

foi devolvido ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, com salvaguarda do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Manto Tupinambá que estava no Museu Nacional da Dinamarca.

A indumentária emplumada representa para o povo Tupinambá uma confluência entre a dimensão espiritual (os Encantados e os antepassados), o meio ambiente, a economia e a agroecologia e a transmissão de saberes. Para além do notável significado histórico, o Manto também traz em si uma imensurável importância para o contexto presente, a partir de sua forte presença identitária que garante a permanência da cultura, memória e cosmologia do povo Tupinambá a cada geração. O Manto expressa o protagonismo indígena em suas produções, rituais e tradições.

Os pássaros, assim como outros animais, eram sagrados que poderiam encarnar a força dos seres encantados. Ao usar o manto de plumas, um xamã invocava forças poderosas para intermediar o mundo dos vivos e dos mortos. Para os mantos, usava-se as penas do Guará. O Guará é uma ave típica do litoral atlântico da América do Sul, com plumagem predominantemente vermelha. A cor é devido à alimentação à base de um caranguejo que possui grande quantidade de betacaroteno. Penas de araracanga ou arara vermelha também eram utilizadas aproveitando-se não somente as penas vermelhas, mas também as azuis, verdes e amarelas para compor o manto.

### **Considerações finais**

Discutimos neste artigo sobre as formas de silenciamento e de resistência da ancestralidade indígena em Belém do Pará. Mairi, denominação indígena dada a este território, era reconhecido como o lugar onde viviam os filhos de Maíra, grande ancestral Tupinambá. Porém, a tradução colonizadora mudou o significado de Mairi para “o lugar do francês”; “concentração de franceses”. Ainda que em muitos dicionários esteja a tradução colonizadora, conseguimos encontrar também o registro indígena.

Retomando esta memória da Mairi indígena, o nosso grupo de pesquisa, GEDAI CNPq, desde 2019 começou a remexer a memória ancestral, com pesquisas que culminaram em artigos e eventos acadêmicos, se espalharam em produções audiovisuais e apresentações artísticas. Foi a partir desta pesquisa que passamos a observar o enunciado Mairi na Belém contemporânea, e a ancestralidade indígena tendo espaço em

múltiplos locais: foi base para manifestações culturais do Círio de Nazaré de 2023, os cortejos culturais Auto do Círio e Arrastão do Círio, fizeram referência ao território Mairi e ao Manto Tupinambá, com apresentações artísticas, que culminaram com uma encenação da subida do Manto Tupinambá ao céu; na realização da 76ª SBPC, realizada na UFPA havia uma tenda denominada “Mairi”, além da roda de conversa feita pelo GEDAI CNPq “Mairi e o Manto Tupinambá: a ancestralidade indígena em Belém” e já tivemos projetos da prefeitura intitulados “Mairi”.

É neste contexto que a arte de And Santtos chega à universidade, um espaço criado sob os moldes ocidentais-eurocêntricos, que até há pouco tempo excluía os saberes e cosmovisões dos povos originários. Uma realidade que muda, primeiramente com a implementação da política de cotas, com a entrada de estudantes indígenas na universidade, os saberes ancestrais não passam despercebidos. Assim, dois murais fazem parte da Universidade Federal do Pará: Território Mairi e Manto Tupinambá.

## Referências

- AUGRAS, M. Imaginária França Antártica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-34, 1991. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2312/1451%3E>. Acesso em: 21 fev. 2024.
- BARBOSA, Pe. A Lemos. *Pequeno Vocabulário Tupi-Português*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1955.
- Bueno, Silveira. *Dicionário tupi-guarani-português*. 5.ª ed., revista e aumentada, 629 p. São Paulo: Brasilivros. 1987.
- Dias, A. Gonçalves. *Dicionário da língua Tupy, chamado Língua Geral dos Indígenas do Brasil*. Lipsia: FA Brockhaus. 1858.
- CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Dicionário da Língua Assuruní do Tocantins*. Belém: UFPA/IFNOPAP, UnB/IL/LALI, 2003.
- CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. *Dicionário Tupi (antigo)-português*. Salvador. 1987.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Masucci, Oberdan. *Dicionário tupi-português e vice-versa*. 146 pág. São Paulo: Brasilivros. 1979.

Magalhães, José Vieira Couto de. *O selvagem*. Rio de Janeiro: Tip. da Reforma "I. Curso da língua geral segundo Ollendorf, compreendendo o texto original de lendas tupis. II. Origens, costumes, região selvagem, método e empregar para amansal-os por intermedio das colônias militares e do interprete militar". 1876.

Métraux, Alfred. *A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaranis*./Alfred Métraux; prefácio, tradução e notas do prof. Estevão Pinto; apresentação do prof. Egon Schaden. – 2 ed. – São Paulo: Ed. Nacional: Ed. Da Universidade de São Paulo. 1979.

NEVES, I.V. do Santos. *EtniCidades: os 400 anos de Belém e a presença indígena*. Revista Moara, Belém, 43, p. 26-44, jan-jun 2015.

NEVES, I.V. do Santos. *Faturas contemporâneas de histórias indígenas em Belém: sobre mármores e grafites*. Revista Maracanan, Rio de Janeiro n. 24, p. 544-566, maio-ago, 2020.

NEVES, I. V. dos Santos. *Mairi, terra de Maíra: a ancestralidade indígena eclipsada em Belém*. Policromias – Revista do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 178-205, jan.-abr. 2022.

NEVES, I. V. dos Santos; GREGOLIN, Rosário. *A arqueogenealogia foucaultiana como lente para a análise do governo da língua portuguesa no Brasil: continuidades e rupturas*. Revista Moara, Belém, 57, p. 9-32, jan-jul 2021.

ROWAN, Orland; Rowan Phyllis. *Dicionário Parecis-Português/Português-Parecis*. Brasília: Instituto de Verão de Lingüística, 1978.

Sampaio, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. Teodoro Sampaio; introdução e notas de Frederico G. Edelweiss. 5.<sup>a</sup> ed., 359 p. Brasiliana, v. 380. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/Instituto Nacional do Livro. 1987.

Stradelli, Ermano. 1929. *Vocabulários da língua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatúportuguez, precedidos de um esboço de Grammatica nheênga-umbuê-sáua mirí e seguidos de contos em língua geral nheêngatú porandua*. Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo 104, Volume 158, p. 9-768

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário: Tupi Português - Com Esboço de Gramática de Tupi Antigo*. São Paulo: Traço Editora, 1984.

\_\_\_\_\_. Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço, 1985.

WAGLEY, Charles. Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos; tradução de Clotilde da Silva Costa. 2.ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1977.